

ANÁLISE DESCRITIVA DOS CASOS CONFIRMADOS DE SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Thiago Freitas Anicio PEREIRA (Unileste); Thamara De Souza Campos ASSIS (Unileste); Larissa Cardoso Da ROCHA (Unileste)

Introdução: A sífilis congênita é uma enfermidade causada pela bactéria *Treponema pallidum*, sendo transmitida por via placentária, independentemente do período gestacional ou estágio clínico da doença em mulheres não tratadas ou inadequadamente tratadas. Configura-se como uma das doenças de maiores taxas de transmissão durante o ciclo gravídico-puerperal no Brasil, tornando-se um grande problema de saúde pública.

Objetivo: Descrever o perfil epidemiológico da sífilis congênita no estado de Minas Gerais.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal e descritivo, sendo a coleta de dados realizada por meio do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), através do sistema TABNET, uma ferramenta de tabulação que permite a visualização de dados de saúde no Brasil. Os dados correspondem aos casos confirmados de sífilis congênita, em Minas Gerais, no período de 2007 a 2021. Após isso, realizou-se a análise descritiva dos dados, por meio dos cálculos de frequência absoluta e relativa.

Resultados: Dos 14.466 casos confirmados da sífilis congênita no estado de Minas Gerais, durante o período de 2007 a 2021, 99,6% (n=14.422) correspondiam a sífilis congênita recente, 0,3% (n=41) sífilis congênita tardia e 0,01% (n=2) natimorto/aborto por sífilis. O ano de 2018 apresentou o maior número de casos, com 16,2% (n=2.350). Em relação ao quesito raça/cor, 50,7% (n=7.343) dos casos foram declarados como pardos. Ademais, acerca da escolaridade da mãe, em 40,5% (n=5.865) dos casos este item foi ignorado ou não preenchido, e em 15,6% (n=2.258) possuíam 5^a a 8^a série incompleta do ensino fundamental. No que diz respeito a faixa etária, 96% (n=13.893) dos casos eram recém-nascidos com até 6 dias, e quanto a idade materna, 32,2% (n=4.661) possuíam entre 20 e 24 anos. Em 88,2% (n= 12.764) dos casos, a mãe realizou o acompanhamento pré-natal e em 65,5% (n=9.472) a sífilis materna foi confirmada durante o pré-natal. Em relação ao tratamento do parceiro, 60,3% (n=8.719) dos indivíduos não o realizaram. Por fim, quanto a evolução da doença, 92,7% (n=13.406) dos pacientes realizaram tratamento e evoluíram para cura.

Conclusão: Observa-se que é de suma importância o estudo do perfil epidemiológico da sífilis congênita, a fim de impulsionar medidas de prevenção, promoção, proteção e reabilitação em saúde. Além disso, evidencia-se a necessidade de sensibilização dos profissionais da saúde quanto ao preenchimento correto das fichas de notificação.

Palavras-chave: Sífilis congênita. Recém-nascido. Gestante.

Agências de fomento: Unileste